Encontro Inter-regiões - Nordeste

Região Nordeste - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020

EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00410
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Santa Cruz
CAMPUS	Soane Nazaré de Andrade
CIDADE	Barro Preto
UF	BA
CATEGORIA	CA
MODALIDADE	CA08
TÍTULO	Îandê yby: nós somos a terra tupinambá
ESTUDANTE-LÍDER	BRENDA FERREIRA DOS SANTOS
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Comunicação Social - Rádio e TV
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Stefhany Alencar Oliveira (Universidade Estadual de Santa Cruz); Ariane Santos Santana (Universidade Estadual de Santa Cruz); Julio Cesar de Andrade Oliveira (Universidade Estadual de Santa Cruz); Gabriel Alves Luz (Universidade Estadual de Santa Cruz); Gabriel Albuquerque Simões Blanes (Universidade Estadual de Santa Cruz); Betânia Maria Vilas-Bôas Barreto (Universidade Estadual de Santa Cruz)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

A vinheta foi desenvolvida por estudantes da disciplina Oficina de Vídeo Educativo, 7º semestre do curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz, para introdução do documentário participativo/performático, ÎANDÊ YBY: Nós somos a terra Tupinambá; produzido a partir de entrevistas com os povos indígenas Tupinambá de Olivença – BA. O processo de colonização no Brasil iniciou-se no século XVI, os povos indígenas foram os primeiros a receber os europeus que chegaram pelos litorais. Nesse mesmo período, eram inúmeras as estratégias utilizadas pelos invasores para ocupar as terras dos povos indígenas. Séculos depois, a situação dos povos indígenas segue como alvo de genocídio, apagamento, racismo epistêmico e destruição ambiental. A valorização do meio em que vivem e ecossistemas aos quais pertencem são características originais dos indígenas, pois esses territórios são espaços onde suas vidas acontecem, em todos os sentidos, desde um local de produção material a um ambiente onde os seres, espíritos e tradições são mantidas. "As populações indígenas têm conservado a visão comunitária e sagrada da natureza." (Santos, no texto O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje, LACED, 2006) por esse motivo, as montanhas, os lagos, os rios, as pedras, as florestas, os animais e as árvores têm significância. O processo de enaltecimento da terra subverte ao modelo seguido pelos princípios capitalistas, que trabalham em decorrência do desenvolvimento da economia. Esse abuso da terra, em busca da produtividade para fins comerciais não só prejudica a natureza, mas como afeta e impulsiona os conflitos entre indígenas, não-índios, donos de fazendas e agricultores. O documentário tem a terra como o fio condutor, além da vida de luta e resistência como uma janela de apresentação da pluralidade de experiências através do lugar de enunciação dos próprios Tupinambás. Îandê Yby também se propõe a discutir temáticas identitárias por um viés mais profundo, pouco explorado nos documentários nacionais; desmistifica e direciona ao contexto das variações fenotípicas atravessadas pelos povos Tupinambás da região nordeste, no território que se concentra um grande número de indígenas em Ilhéus: Olivença – BA. Deste modo, busca-se desconstruir a ideia do senso comum de que os indígenas incorporaram ao longo do tempo comportamentos e tecnologias dos não indígenas e perderam sua identidade, notabilizando que essa ideia discriminatória é mais um mecanismo histórico dos latifundiários e do Estado para retirar desses sujeitos seus direitos a terra. Diante disso, a estética construída para a vinheta, tem como principal objetivo definir a identidade visual da obra e dialogar com a performance dos atores sociais, como também apontar a função decorativa do vídeo, fazendo com que assim o receptor se informe acerca do que está sendo transmitido e consequentemente construa o sentido efetivo da arte. "Uma vinheta se baseia em linhas geométricas, flores, folhagens, seres vivos ou coisas inanimadas." (Aznar, no texto Vinheta, do pergaminho ao vídeo, ARTE & CIÊNCIA, 1997), ela é considerada uma ferramenta representativa da arte, podendo expressar distintos estilos, expressões e mensagens. No documentário ÎANDÊ YBY a vinheta ganha novos sentidos, muito além do que um adereço decorativo ou de relevância estética ela é de fundamental importância na construção da narrativa do documentário. As camadas de sentidos podem ser compreendidas a partir do momento que analisamos a abertura

diante de uma linha de pensamento eisensteiniana onde a justaposição do plano A com o plano B gera ao espectador um plano C, ou seja, a união das imagens não se deram de modo aleatório mas que foram projetadas para levar ao espectador a uma apresentação da reflexão geral do documentário, de que os indígenas são própria terra Tupinambá.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

A vinheta é constituída graficamente como ornamentação a partir de tipografias, imagens em movimento e tem como objetivo introduzir a temática abordada no documentário, tanto a narrativa quanto a estética. Segundo Arlindo Machado no texto A Arte do Vídeo (Brasiliense,1988) as vinhetas começam a ser utilizadas no cinema como forma de conectar o filme com os créditos. Já na contemporaneidade com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação esse processo de construção das vinhetas se atualiza, devido a ferramentas e programas de edição e computação gráfica. A expressão computação gráfica refere-se à produção, por meio de computador, de imagens sintéticas, que, aliás, são fruto de elaborações regidas por procedimentos lógico-matemáticos de acordo com Bettetini em Semiótica, computação gráfica e textualidade (Rio de Janeiro,1999). No documentário o uso da vinheta prioriza as imagens e sons referentes à cultura indígena, mais especificamente a cultura Tupinambá, que enaltece suas personalidades e estilos próprios. No cinema documentário bem como na ficção e certamente nas vinhetas, o som ele traz a imagem a tridimensionalidade do mundo, tendo um papel central na experiência cinematográfica, tanto em sua construção, quanto em sua fruição. O uso da trilha sonora original gravada em estúdio com a voz do próprio sujeito indígena, MC Pytuna, buscou a valorização do poder da sua voz enquanto potencial dramático e psicológico segundo Michel Chion em A Audiovisão (Lisboa, 1990). Neste sentido, pode-se dizer que a vinheta utilizada neste documentário representa e retrata a especificidade de todas as pessoas contidas nela. A preocupação estética em estabelecer um sentido próprio a cultura dos indígenas tupinambá, fomentou todo o processo, desde as primeiras etapas da pré-produção até as últimas fases de pós-produção. Era importante apresentar o documentário com uma trilha original, talvez nunca feita sobre esse povo. A vinheta com imagem em movimento, sons em foley e ambiência natural, está propositalmente inserida no vídeo para causar impacto visual, sonoro, como também capturar a atenção do espectador. A foi construída a partir da técnica de edição de imagens conhecida como dupla exposição, que advém da fotografia analógica e consistia na exposição de um fotograma múltiplas vezes, o resultado desse efeito era considerado um erro tendo em vista que duas imagens diferentes eram captadas numa única fotografia. Décadas depois com o desenvolvimento de softwares de edição de imagens e vídeos, essa técnica foi simplificada e passou a ser utilizada artisticamente em programas como Adobe Photoshop e Adobe Premiere. A fusão das imagens dos personagens com as imagens referente aos seus territórios ecoa, ainda que inicialmente, a força da ligação entre a terra e o indígena. Para esses povos, o território vai muito além de uma simples moradia, a terra é sagrada, deve ser respeitada, não pode ser comprada e nem negociada, é a morada dos seus ancestrais, dos encantados. Essa existência de vínculos específicos entre os seres encantados, os territórios e os Tupinambás, são a dimensão mais profunda das suas identidades étnicas. No processo de recuperação territorial, os encantados ajudam, incentivam os indígenas a lutarem pela terra, ensinando-lhes estratégias e, sobretudo, protegendo-os. Segundo Julia Corne no texto O Brasil indígena: A violência contra os povos originários e a luta pelo processo de demarcação de terras (UNESP, 2018) o estilo tradicional de vida indígena necessita que ele esteja e tenha livre acesso à terra. De fato, da alimentação aos rituais, o contato com a terra é fundamental nestes processos e, diante disso, a luta dos povos indígenas é pela demarcação do seu território, tendo em vista que segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) esse processo beneficia não somente aos povos originários, mas a toda sociedade, pois significa manter uma conservação do ambiente e também uma garantia da diversidade étnica e cultural.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

A proposta para a vinheta era fazer uma abertura que de alguma maneira introduzisse a temática que está no cerne do documentário, incorporando os próprios personagens e seus respectivos lugares e territórios. Na fase de estudos, pesquisas levantamento de dados que é na pré-produção segundo Alex Moleta em Criação de Curta-Metragem em Vídeo Digital (Summus, 2009) utilizamos como referência estética a vinheta de abertura da série de televisão estadunidense TRUE DETECTIVE. A montagem foi possível a partir da técnica onde duas imagens são sobrepostas e se cruzam, efeito semelhante ao a dupla exposição na fotografia analógica porém agora criado a partir das tecnologias da informação e comunicação. Nesse processo inicial, fora gravada a trilha musical em estúdio interpretada pelo rapper indígena e também personagem do documentário, Luis Pytuna (Pytuna significa noite em tupi guarani). As imagens foram gravadas já durante a produção do documentário, desta forma buscamos valorizar o território enquanto lugar de pertencimento e a sua relação espiritual com o meio ambiente. Segundo Gersen Baniwa em O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje (Museu nacional, 2006) os espíritos e os deuses habitam nos territórios de onde eles vieram, da mesma forma como os antepassados continuam habitando neles. Então cuidar desses locais é manter essa ponte entre os seres e os indígenas de pé. Assim entende-se que para eles, os seres humanos e os outros se relacionam, convivem. Tudo o que está na natureza é um ser vivo, tem vida, o mundo dos que já partiram não fica em uma outra dimensão, mas na própria natureza. Já na pós-produção todo o material gravado de áudio e imagem se unem junto as técnicas de edição e montagem de um vídeo. É na pós-produção que todo material se transforma em um produto dotado de sentido de acordo com o ponto de vista dos realizadores do projeto, nesta finalização os ajustes de iluminação, efeitos de sons, computação gráfica e trilha são adicionados. O processo de edição passou por três fases em diferentes programas. No primeiro momento foram selecionadas imagens de 7 personagens do professor universitário Casé Angatu Xukurú Tupinambá, da professora Cris Amanary Tupinambá do estudante do ensino médio Henrique Almeida da líder indígena Sueli Araponga Tupinambá do rapper e líder indígena Luis Pytuna da cantora e dona de cabana Michele e do pajé Chico Truca que foram editadas e recortadas no programa Adobe Photoshop CS6. No vídeo vemos imagens do céu, das casas de bloco, da terra, da natureza e da natureza referentes a cultura indígena foram editados no mesmo programa a fim de serem utilizados em movimento no vídeo final. Já no programa Adobe Premiere Pro CC 2019 as imagens foram divididas em quatro camadas e os foleys e trilha divididas em dua camadas. A sobreposição e a aplicação do efeito de dupla exposição foram os primeiros passos e ações realizadas de forma que as imagens dos índios e de seus territórios se unissem.. Foram adicionadas também animações de pássaros em computação gráfica bem como o foley dos seus respectivos sons. A trilha gravada pelo rapper indígena foi adicionada, juntamente com o foley do maracá (objeto sonoro utilizado nos rituais). Utilizamos tipografia Atxuhú Kaí que também remete aos símbolos e ícones da cultura indígena formando o título do documentário, usamos o efeito Wave Warp o qual simula ondas e aplicamos também o efeito de dupla exposição no qual possibilitou a visualização da imagem de árvores dentro da fonte usada. Por fim foi feito o processo de ajuste da coloração de modo que houvesse uma harmonia do inicio ao fim. A vinheta finalizada buscou evidenciar o ser indígena destacando sua imagem, voz, símbolos e ícones ultrapassando as barreiras do audiovisual e se tornando um forte ritual de abertura e preparação para todas as questões a serem discutidas nos próximos minutos do documentário.